REI ATÉ A QUARTA-FEIRA, DEPOIS AS CINZAS...:O MAIOR EVENTO DO TURISMO NACIONAL ANALISADO POR OUTRO LADO

Miguel Ângelo Portela Pinheiro

RESUMO

O artigo aborda um problema ainda pouco explorado pela produção acadêmica do turismo. A temática tem sua raiz em uma imagem voluntariamente veiculada para fora do país pela sociedade brasileira em geral: a do negro carioca, pobre, sambista e feliz, protagonista da imagem turística do Rio de Janeiro. Esse retrato se confirma através dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro. Durante as festividades, o negro é o centro das atenções, representante maior da cultura brasileira. Porém após a quarta-feira de cinzas, os turistas voltam para seus países de origem, a cidade volta a funcionar normalmente e o negro pobre sai dos holofotes de todo o mundo para voltar às favelas e subúrbios da cidade. O fim do carnaval significa o retorno a um cotidiano marcado pela exclusão social e pelo preconceito. O presente artigo traz esta questão à tona, buscando no turismo formas de se combater a problema.

Palavras-chave: Negro. Samba. Carnaval. Rio de Janeiro.

ABSTRACT

The article addresses to a problem that hasn't been much discussed by the tourism academic literature. The problem is born with an image voluntarily sold to the rest of the world by Brazilian society in general: the image of the negro man from Rio de Janeiro who is poor, likes samba and is always happy. That portrait is confirmed through the samba carnival parades. During the celebration, the black man is the center of attention, the most representative character of Brazilian culture. However, after the Ash Wednesday, the tourists return to their home countries, the city goes back to normal and the black poor man leaves the world's spotlight to come back to the favelas and suburbs of the city, going back to a daily routine of social exclusion and prejudice. This article brings up this matter, as well as how the Tourism can create ways to fight this issue.

Keywords: Negro. Samba. Carnival. Rio de Janeiro.

1. INTRODUÇÃO

O carnaval carioca é considerado o melhor do mundo, com suas magníficas escolas de samba, seu povo reconhecidamente hospitaleiro e suas belas mulheres e paisagens. Pessoas de todo o mundo se dirigem ao Rio de Janeiro no mês de fevereiro para acompanhar de perto o espetáculo. Ao chegar à cidade, os turistas deparam-se com blocos carnavalescos compostos por um público socialmente heterogêneo e com uma cidade que, por uma semana, pára de funcionar para poder se divertir sem compromissos. Também se vêem frente ao que há de mais impressionante, o grande pólo atrativo de turistas da instituição que é o carnaval carioca, um mega evento de repercussão mundial: o desfile das escolas de samba do grupo especial do Rio de Janeiro. Estas agremiações se demonstram cada vez mais ricas, suntuosas e impressionantes, com seus desfiles se tornando mais caros e luxuosos.

Contrastando com a riqueza e altivez das escolas de samba, está o seu protagonista. Este contraste é um dos fatores que provoca mais fascinação no turista. A genuína e extrema felicidade estampada no rosto de quem está no centro das atenções do "maior show da terra"[1] é um mistério para quem não acompanha a vida desse protagonista. Um sentimento que vem do trabalho árduo durante todo o ano por aquela uma hora de êxtase, a realização pessoal e profissional. Um momento que é o ponto alto do seu ano, a hora em que ele é O REI. Esse protagonista é o negro que vem das favelas e subúrbios cariocas para desfilar diante do mundo todo, ser aplaudido e reverenciado, ser tratado como o rei que é naquele momento. E esse rei, do alto de sua humildade, acena para seus súditos, com uma intensa felicidade e uma enorme gana de se sagrar o rei absoluto do carnaval, o campeão. Os seus súditos, tendo noção de sua realeza, se curvam, em respeito a quem tornou todo aquele espetáculo possível.

O reinado segue com toda alegria e vivacidade de seu comandante até certo dia, uma quarta-feira, a famigerada quarta-feira de cinzas. Esse é o dia em que a magia carnavalesca se esgota, a democracia social dos blocos carnavalescos dá

[1] Alcunha popularizada no samba-enredo "É Hoje", de 1982, da União da Ilha do Governador.

lugar a uma sociedade estratificada por classes e a cidade volta a funcionar em meio a uma inevitável ressaca pós-carnaval. As escolas de samba somem da Marquês de Sapucaí[2] e a coroa some da cabeça de vossa majestade, o negro. E quando isso acontece, a genuína e extrema felicidade real dá lugar a um conformismo e permanente crença de que a vida vai melhorar. Enquanto os carros alegóricos voltam para os barracões, o negro pobre tem de voltar para o seu barraco na favela, deixar de ser o centro das atenções, o comandante da festa, o rei. Agora ele volta a ser o socialmente excluído e supostamente feliz sem razões aparentes para tanto, seguidor da corrente "brasileiro nunca desiste". De rei a bobo da corte em menos de uma semana. Essa curiosa situação será abordada neste artigo, que tem o intuito de trazer um olhar crítico sobre o fato, além de buscar alternativas para a amenização desse acontecimento, principalmente através do fenômeno turístico.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O carnaval carioca do século XXI adquiriu formato de espetáculo multimilionário, juntamente com o *status* de ser o principal evento do turismo brasileiro a nível internacional. O grande problema aqui apresentado refere-se às comunidades que historicamente promovem o espetáculo, porém permanecem excluídas das riquezas geradas por este (TRAMONTE, 2003, v 1, p. 85). Este artigo tem o intuito de mostrar algumas relações contrastantes nascentes desse evento e de sua importância para o turismo brasileiro. Para isso, o carnaval carioca será contextualizado como um todo, sendo possível apontar onde e quando surgiu e como foi se modificando até chegar ao formato conhecido atualmente.

2.1. Fatores históricos que conduziram o carnaval carioca à sua configuração atual

Primeiramente, faz-se necessária a dissociação entre carnaval e samba. Pode parecer estranho nos dias atuais, mas segundo Nascimento (2007), essa

[2] Avenida onde são realizados os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro.

separação é bastante pertinente para mostrar que o carnaval carioca é "uma resultante multicultural de diversos povos". Os negros deram a cara do carnaval carioca através do samba, porém nota-se que os fundamentos onde se instituiu esse carnaval são basicamente europeus, como as fantasias e máscaras[3]. Também não é por acaso que o prefeito entrega a chave da cidade ao Rei Momo. Momo era um deus da mitologia romana representado durante o carnaval pelo mais belo soldado. Este era coroado rei e se tornava a maior autoridade durante os três dias de festividades. (NASCIMENTO, 2007)

Também é relevante, para uma pequena introdução, tentar buscar a origem do fascínio das pessoas pelo carnaval. Quem nunca ouviu dizer que no Brasil o ano só começa após o carnaval? A festa tem como principal característica a suspensão da lógica cotidiana em nome de outra lógica. Talvez aí esteja o encantamento causado nas pessoas, que se permitem viver fantasias não facilmente reveladas no dia-a-dia. Esse fato só tende a se concretizar, dados o estresse e competitividade que estão na composição da lógica cotidiana do mundo atual. Exemplificando este fato, podem ser citadas algumas expressões usualmente empregadas pelas pessoas para se referir ao carnaval, como "divertimento", "fuga" e até mesmo "efeito terapêutico". Os elementos integrantes da cultura popular que compõem o processo de comunicação típico do carnaval se manifestam em diversos formatos; podem ir desde a sátira até a critica severa, sempre demonstradas através de danças, sambas-enredos e outras manifestações semelhantes (COSTA; ANDRADE, 2003, p. 2).

Chegando à temática central deste artigo, volta-se a ao início da história do samba. No fim do século XIX, negros baianos, em especial "tias" *iyalorixás*[4] do Candomblé, deixaram Salvador seguindo rumo ao Rio de Janeiro. Este foi um movimento migratório de fuga, motivado por perseguições policiais aos praticantes de religiões afro-brasileiras na Bahia. Em solo carioca, esses migrantes se concentraram, em grande parte, nas regiões centrais da cidade. Bairros como

[3] Estes adereços começaram a ser usadas a mais de dez mil anos trás por camponeses europeus que realizavam festas para agradecer suas colheitas. (NASCIMENTO, 2007)
[4] No dialeto africano Yorubá, é uma forma carinhosa de se referir à figuras maternas. Na sabedoria popular, são conhecidas como "mães de santo".

Catumbi, Cidade Nova, Gamboa, Santo Cristo e Praça XI, que são considerados os verdadeiros berços do samba. No início do século XX, essa área chegou a ser conhecida como Pequena África, denominação dada por Heitor dos Prazeres (um dos pioneiros do samba carioca) ao trecho da cidade que se localizava entre as imediações do cais do porto e a região da Cidade Nova, em torno da Praça XI (VELLOSO, 1989).

A mais famosa das "tias" vindas de Salvador foi Hilária Batista de Almeida, a Tia Ciata. Para se sustentar e à sua filha, trabalhava como quituteira na Rua Sete de Setembro, sempre vestida com suas roupas de baiana: saia rodada e bem engomada, turbante, diversos guias e fios-de-conta em volta do pescoço. Assim, ela e outros praticantes do Candomblé expressavam sua religiosidade. Ciata tornou-se muito importante para o samba, na medida em que recebia em sua casa os "pagodes", festas dançantes embaladas por um embrionário samba. Nesses encontros começaram a se reunir grandes compositores de sambas e marchinhas como Sinhô e João da Baiana (GOMES, 2007).

A seguir, um relato que mostra como eram as reuniões promovidas pelas tias baianas e como a perseguição policial às religiões afro-brasileiras no Rio de Janeiro não era tão maçante como em Salvador:

> [...]As primeiras comunidades se instalaram em vários pontos centrais da capital, onde moravam as tias baianas, doceiras, bordadeiras, festeiras, tão presentes nos relatos dos historiadores do samba. Suas casas eram simples, mas confortáveis, próprias, freqüentadas por gente arrumada, engravatada, fossem os negros do lugar, fossem os brancos que lá iam para encomendar doces ou bordados e acabavam ficando para um choro ou um arrasta pé animado. Dançava-se muito naquelas casas. Em geral, maxixes e sambas amaciados, partidos e lundus, tudo na saleta da frente, e um ritmado culto aos orixás no quintalzinho dos fundos. Embora fosse uma época em que as religiões não católicas, sobretudo as negras, não eram toleradas pelas autoridades, no caso das tias a polícia fazia vista grossa, ao invés de religião, rotulava aquelas manifestações de *¨cultura afro-brasileira¨*e ficava tudo por isso mesmo (COSTA; ANDRADE, 2003, p. 3).

Assim nasceu o samba, que se incorporou ao modelo de carnaval europeu e evoluiu até o que é conhecido hoje como o desfile das escolas de samba (MARINHO, 2004). Porém a intenção deste artigo é apontar exatamente quando os negros assumiram o protagonismo das festividades carnavalescas no Rio de

Janeiro. Isso fica ainda mais em evidência quando ocorrem fatos como os relatados a seguir:

> Este ano [2006], três escolas levaram temas africanos para a Sapucaí e, podese mais uma vez observar que a cultura africana quando levada à avenida, é responsável por grandes momentos da história do carnaval, gerando sempre excelentes sambas e enredos. Será que isso é por acaso? Tenham certeza de que não, pois quando se traz uma África para a avenida é como se o samba estivesse exaltando o samba, é como se todo o ideal de denúncia, de clamor por liberdade de vida e pensamento que fora fundamentado lá nos tempos de Ciata viessem novamente reafirmar o seu espaço de fato e de direito (NASCIMENTO, 2007, p. 2).

As agremiações, que viriam a ser mundialmente conhecidas como escolas de samba, surgiram nos anos 20. Originaram-se dos tradicionais blocos de rua, porém, diferentemente de hoje, tinham caráter temporário. Os componentes das escolas reuniam-se apenas na época do carnaval, havendo a dissolução da agremiação até o próximo carnaval. Os desfiles começaram em 1932 e foram oficializados em 1935. A partir dos anos 60, com a maior valorização da cultura popular, as escolas de samba passaram a atrair a atenção da sociedade brasileira (ALBUQUERQUE, 2005, p. 20-21).

Como a grande maioria dessas agremiações se mantinha em comunidades carentes como favelas e subúrbios e eram bastante populares, tornaram-se chamarizes para oportunistas. Os bicheiros foram os primeiros a atentarem para este fato. Eram homens que controlavam as apostas no jogo do bicho, prática que viria a se tornar ilegal. Eles começaram a tomar o controle financeiro de algumas escolas de samba, havendo certa troca de favores com a comunidade. Os contraventores bancavam a escola, tornando-se verdadeiros patronos e, deste modo, conquistavam o respeito, a admiração e a lealdade daquela comunidade. Assim também ganhavam o controle das apostas naquela localidade. (PEGADO, 2005, p. 47-48)

Existem casos clássicos de simbiose entre bicheiros e escolas de samba, tais como Aniz Abraão David na Beija-Flor de Nilópolis e Castor de Andrade na Mocidade Independente de Padre Miguel. Foi a partir da chegada de Aniz Abraão David à Beija-Flor que a escola começou a ganhar seus primeiros campeonatos. A Mocidade Independente de Padre Miguel, uma das mais tradicionais escolas do

carnaval carioca, sempre brigou por títulos. Porém, após a morte de Castor de Andrade, em 1997, passou a exercer um papel de coadjuvante, sem fazer frente às outras grandes agremiações. No ano de 2009, a escola ficou apenas uma posição acima da zona de rebaixamento para o grupo de acesso.

As escolas de samba se enraizaram nas comunidades carentes periféricas principalmente devido ao fato dos negros, que habitavam grande parte da região central da cidade, terem sido "conduzidos" para essas localidades (morros, subúrbio). A urbanização de Pereira Passos na área central buscava inspiração nos grandes centros europeus, não havendo espaço para morros e cortiços no centro econômico de uma grande cidade. Ainda é possível frisar que essas pessoas foram deslocadas para áreas periféricas também para ficarem mais próximas às indústrias que se expandiam nestas regiões. A mão-de-obra negra, barata e recém-liberta era a ideal. Também há o fato de que a orla da zona sul sofria inflacionamento dos preços de seus terrenos, pois ali se pretendia implantar uma área elitizada para aqueles em melhor situação econômica (FARIAS, 2000, p.12). Este foi o embrião da zona sul carioca que conhecemos atualmente, paraíso tropical da elite e dos turistas.

Finalizando este resgate histórico, será abordada a temática do negro brasileiro, que é constantemente associado à coisas não-sérias, formas de entretenimento e de prazer. Isto é reforçado pelo fato dos esportes e das formas de arte serem os principais meios de ascensão social desse segmento racial. O grande problema é que as pessoas tendem a acreditar que o sucesso nesses campos exclui a possibilidade de sucesso em outros. Em pleno século XXI, ainda é difícil para algumas pessoas conceberem a ideia de um negro como médico ou advogado. Fruto de anos de ilusões quanto à questão racial no Brasil.

> "A presença maciça do negro em atividades de lazer pode levar à carnavalização de todos os fatos negros no Brasil" adverte o antropólogo João Baptista Borges. De nada adiantarão movimentos, manifestações de protesto, se continuar a alimentar a imagem do **negro, profissão lazer**. Sendo assim, o lúdico será sempre o cartão de visita e a "prova" de que todos são iguais perante a lei e os homens na terra Brasil. "É a realidade – concorda Paulo Colina - fruto de 300 anos de escravidão, somados a cem anos de falsa liberdade (PINTO, 1988, p. 63, grifo meu).

2.2. O problema

Pra tudo se acabar na quarta-feira
A grande paixão
Que foi inspiração
Do poeta é o enredo
Que emociona a velha-guarda
Lá na comissão de frente
Como a diretoria
Glória a quem trabalha o ano inteiro
Em mutirão
São escultores, são pintores, bordadeiras
São carpinteiros, vidraceiros, costureiras
Figurinista, desenhista e artesão
Gente empenhada em construir a ilusão
E que tem sonhos
Como a velha baiana
Que foi passista
Brincou em ala
Dizem que foi o grande amor de um mestre-sala
O sambista é um artista
E o nosso Tom é o diretor de harmonia
Os foliões são embalados
Pelo pessoal da bateria
Sonho de rei, de pirata e jardineira
Pra tudo se acabar na quarta-feira
Mas a quaresma lá no morro é colorida
Com fantasias já usadas na avenida
Que são cortinas, que são bandeiras
Razão pra vida tão real da quarta-feira
É por isso que eu canto
(Martinho da Vila, 1993)

Estabelecido o cenário onde se baseiam o atual carnaval carioca e as situações geradas do mesmo, pode-se partir para o grande problema aqui abordado: o negro pobre passa de plebeu a rei até a quarta-feira de cinzas, quando volta a ser plebeu novamente.

Melo (2000, p.61) entende que isso ocorre porque essas pessoas, que estão na base da pirâmide social, usam o carnaval como fuga de sua realidade e tentam aproveitá-lo ao máximo. O autor cita como exemplo o desfile da escola de samba Beija-Flor de Nilópolis em 1989, quando o carnavalesco Joãozinho Trinta levou à avenida o enredo "Ratos e urubus, larguem minha fantasia". O desfile mostrou sujeira, lixo, em diversas abordagens, tanto literais quanto metafóricas. ***"A proposta da escola era denunciar o lixo moral da humanidade, fomentador das desigualdades sociais, ao mesmo tempo em que apontava para o luxo e a pompa de instituições sustentadas pela miséria de tantos outros***" (MELO, 2000, p. 39).

Ao mostrar o que seria o lixo humano na sociedade, Joãozinho Trinta retratou a população de rua da cidade do Rio de Janeiro. Justamente para exemplificar seu enredo de forma literal, o carnavalesco levou à avenida vários mendigos para desfilarem pela escola, algo que exerceu um misto de choque e fascínio nos espectadores. O que não causou espanto a ninguém foi a alegria com que estes atravessavam a Marquês de Sapucaí, parecendo alheios ao fato de que aquele breve momento não mudaria muita coisa em suas vidas.

> O último quadro do desfile é composto pelo povo de rua, representados por entidades místicas e pelos próprios mendigos. São justamente estes personagens que estão presentes nos grandes centros urbanos, habitando os logradouros públicos. Mas no enredo eles se apresentaram organizados, partilhando de uma grande ceia criada cenograficamente. Suas más vidas foram posteriormente lavadas no chafariz da Cinelândia, num exercício de renovação do espírito através do poder simbólico das águas (MELO, 2000, p.58).

Esse desfile da Beija-Flor de Nilópolis é apenas um exemplo bastante ilustrativo. Existem muitas pessoas que vivem e respiram carnaval o ano todo, trabalhando nos barracões, onde são montados os carros alegóricos e fantasias, ou nas quadras das escolas de samba, que funcionam como casas noturnas durante o

ano. Todo esse árduo e longo trabalho leva à sensação de que aquele é o ponto alto do ano, a apoteose.

> [...]as pessoas revelam sua capacidade de, na vida [...] [ser] um cidadão comum, despojado de qualquer título de nobreza, mas que na folia torna-se um rei, envolvido num **trabalho que consome praticamente todo o ano em prol de um espetáculo que dura eternos oitenta minutos** (MELO, 2000, p. 61, grifo meu).

> [...] Faltam dez minutos para a escola deixar a armação na Avenida Presidente Vargas e dobrar para a Sapucaí. Aos olhos de quem não está acostumado com o processo de montagem de um desfile, aquilo tudo parece um grande quebra-cabeças que não vai conseguir se encaixar. "Não vai dar tempo", pensam os mais desatentos, esquecendo que carnaval também é improviso. Uma contagem regressiva mental passa a tomar conta do ambiente, que é tomado pela ansiedade. Em poucos segundos, tudo se transforma: as alas se agrupam, os destaques sobem nas alegorias, os efeitos especiais são testados pela última vez na "boca" da avenida. O intérprete do samba, o puxador, convoca os componentes que passam a viver momentos de tensão e ansiedade que explodem na avenida em forma de alegria. (MELO, 2000, p.1)

2.3. A cultura como objeto de consumo: de Tia Ciata às rainhas de bateria

O carnaval carioca, tendo em sua expressão máxima o desfile das escolas de samba, se modificou bastante na medida em que foi "descoberto" pelo mundo. Estas mudanças distanciam cada vez mais a festa de suas raízes culturais e ideológicas. A grande personificação dessas mudanças foi a construção da Passarela do Samba Darcy Ribeiro, o Sambódromo da Marquês de Sapucaí, projetado por Oscar Niemeyer. Anteriormente, os desfiles ocorriam nas principais avenidas do Rio de Janeiro como Antônio Carlos, Rio Branco, Presidente Vargas, Praça XI e na própria Marquês de Sapucaí. Ainda houve uma romântica época em que era obrigatório que as escolas passassem em frente à casa de Tia Ciata (ALBUQUERQUE, 2005, p.21).

Antes da construção do Sambódromo, em 1984, havia a montagem e desmontagem das arquibancadas nas avenidas citadas acima, o que gerava bastante despesa. Em 1962, foram vendidos pela primeira vez ingressos de arquibancada para quem gostaria de assistir as escolas na Avenida Rio Branco. Era o início da comercialização do espetáculo. O sucesso das escolas fez com que, de

ano a ano, as arquibancadas crescessem (CAVALCANTI, 1994, p.26 apud ALBUQUERQUE, 2005, p.21).

Desde então os tempos mudaram, as escolas de samba começaram a promover desfiles cada vez mais luxuosos, atraindo ainda mais a atenção do Brasil e do mundo. Nesse ponto, também entra com relevância a participação dos banqueiros do jogo do bicho, patronos das escolas, e de carnavalescos com ideias de grandiosidade e luxo ao extremo, como Joãozinho Trinta.

Com estas transformações, as raízes do samba foram se escondendo. Os pagodes no quintal de Tia Ciata já representavam um passado muito distante, que conservava poucas semelhanças com o espetáculo megalomaníaco que se anunciava. O comprometimento simplesmente com a folia e a exaltação da cultura popular foram substituídos pela competitividade e os milhões de reais que bancam os desfiles.

A prisão dos bicheiros, ocorrida em 1993 por decisão judicial, fez com que as escolas de samba tivessem de buscar formas alternativas de financiamento (COSTA; ANDRADE, 2003, p. 4-5). Um novo fenômeno nasceu, onde frequentemente as escolas de samba deixam de falar sobre um enredo de mais fácil compreensão e acessibilidade, para optar por um tema geralmente indicado pelo patrocinador. Com o luxo exacerbado e grandiosidade vindo em primeiro lugar, os patrocínios milionários de empresas ou localidades não poderiam ser descartados. Mesmo que isso significasse uma perda de identidade por parte da agremiação. Abaixo seguem duas notícias veiculas na imprensa que mostram como pode ser lucrativo investir nos desfiles das escolas de samba:

> A Petrobrás, além de patrocinar o desfile da Mangueira, em parceria com a Eletrobrás, também comprou um camarote para funcionários e clientes. Pelo espaço exclusivo, passaram além de diretores da estatal e do presidente da BR Distribuidora, Rodolfo Landim, o secretário de Comunicação e Governo, Luiz Gushiken, o prefeito de Aracaju, Marcelo Déda, e uma caravana de funcionários da Petrobrás Argentina. Anfitrião da festa, o presidente da Petrobrás, José Eduardo Dutra, desfilou na escola patrocinada. **'Valeu a pena cada centavo dos R$ 3,5 milhões que a Petrobrás investiu na Mangueira. Só quem está aqui sabe a sensação que é desfilar'**, disse. Na tentativa de realinhar a sua estratégia de marketing e reforçar a marca perante o público, a CNH, fabricante de máquinas agrícolas, investiu R$ 600 mil no carnaval da Escola de Samba Tradição. 'Nosso objetivo é tornar a marca, já consolidada entre os brasileiros do campo, mais conhecida do público urbano', disse o diretor

> comercial da CNH para a América Latina, Francesco Pallaro(VALOR ON LINE, 2005 apud ALBUQUERQUE, 2005, p.29 , grifo meu).

> Este ano a Marquês de Sapucaí recebe a 15ª edição do Camarote daBrahma, quereúne entre seus patrocinadores Volkswagen, Nestlé,Havaianas, VR, Forno de Minas, Dove, High End e TAM. As empresaslevam ações promocionais ao local.A Nestlé prepara sua participação na Marquês de Sapucaí, durante osdesfiles deCarnaval do Rio de Janeiro. A Nestlé terá pontos-de-vendasde seus produtos no local, arquibancada social construída para opessoal da concentração das escolas, camarote para realizarmarketing de relacionamento, distribuição de produtos nos camarotes eexposição da marca no sambódromo(MEIO & MENSAGEM ON LINE,2005 apud ALBUQUERQUE, 2005, p.30).

Deste modo, chega-se à inevitável constatação de que a festa nascida em simples blocos de rua tornou-se um produto de mercado extremamente rentável. Hoje o número de propagandas e camarotes de grandes empresas na Passarela do Samba impressiona. Artistas lutam pelos lugares de mais destaque nas escolas de samba, pois isso significa status até o próximo carnaval. Atualmente as rainhas e madrinhas de bateria são quase um novo quesito a ser julgado, assim como bateria e harmonia. Para finalizar a ilustração, aqui seguem os preços que foram cobrados para se poder assistir aos desfiles no ano de 2005 (preços superiores ao poder médio de compra do brasileiro):

> Os ingressos para as arquibancadas custam de R$ 100,00 a R$ 600,00; Frisas: de R$ 2.600,00 a R$ 5.600,00 com seis lugares; Camarotes: de R$ 19.500,00 a R$ 40.000,00 com doze lugares. Sendo que nas frisas o espectador fica exposto às mudanças de tempo, do mesmo modo que nas arquibancadas. Além disso, nas arquibancadas não contam com comodidade e boa visibilidade. Existem 2 setores populares, o 13 e o 6, onde os ingressos custam R$ 10,00, porém só é possível ver a dispersão do desfile. O famoso setor 1, tem seus ingressos distribuídos pelas escolas de samba aos membros da comunidade, no entanto, como no caso anterior, o desfile é visto na sua armação e não sua evolução. Bem longe dos olhos destes estão os felizardos que conseguiram um espacinho na chamada arquibancada do Setor Zero, em frente ao Canal do Mangue, de onde se pode ver a concentração das escolas. Mas quem está ali não está menos feliz do que quem está lá no conforto. No reino do carioquês, durante o carnaval, não há espaço para a tristeza ou para a reclamação. A satisfação de estar ali bem pertinho é suficiente para quem não pode participar da festa dentro da Marquês. E vale lembrar, que toda esta satisfação se deve à iniciativa da LIESA e da Nestlé que banca o projeto e que deixa sua marca bem clara para todo mundo ver (ALBUQUERQUE, 2005, p.14).

Nos dias de hoje, as escolas de samba são instituições que funcionam durante todo o ano, agregando milhares de pessoas. A fundação da Liga

Independente das Escolas de Samba - LIESA, em 1984, sistematizou a racionalização administrativa e financeira da organização do desfile, cujo controle total lhe foi passado em 1995 (COSTA; ANDRADE, 2003, p. 4-5).

Em 1990, a São Clemente, tradicional escola de Botafogo, expressou no seu enredo “E o samba sambou” as grandes transformações estruturais pelas quais o carnaval vinha passando:

> Vejam só!
> O jeito que o samba ficou . . . e sambou!
> Nosso povão ficou fora da jogada,
> Nem lugar na arquibancada
> Ele tem mais pra ficar
> Abra espaço nesta pista
> E, por favor, não insistam
> Em saber quem vem aí!
> O mestre-sala foi parar em outra escola,
> Carregado por “cartolas”
> Do poder de quem dá mais
> E o puxador vendeu seu passe novamente
> Quem diria, minha gente?
> Vejam o que o dinheiro faz!
> É fantástico!
> Virou Hollywood isso aqui (isso aqui)
> Luzes, câmeras e som!
> Mil artistas na Sapucaí! (mas o show!)
> Mas o show tem que continuar
> E muita gente ainda pode faturar: “rambositores”, mente artificial,
> Hoje o samba é dirigido
> Com sabor comercial
> Carnavalescos e destaques vaidosos,
> Dirigentes poderosos criam tanta confusão
> E o samba vai perdendo a tradição! (que saudade)

Que saudade da praça onze e dos grandes carnavais!
Antigo reduto de bambas,
Onde todos curtiam o verdadeiro samba

(Chocolate, Helinho 107, Nino, Mais Velho, Alceu**)**

2.4. Alternativas criadas pelo turismo

A vinculação oficial do carnaval carioca com o turismo aconteceu em 1972 com as escolas de samba assinando um contrato de prestação de serviços com a Riotur (Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro), em troca de receberem mais dinheiro ao invés de somente a tradicional subvenção[5] (CAVALCANTI, 1994, p.26).

O turismo hoje é considerado o maior movimento de pessoas que já ocorreu na história da humanidade, e só tende a crescer. Mudanças são geradas em diversos planos, como o sociocultural. O carnaval carioca é uma grande personificação dessa afirmativa, enquanto o turismo encarna perfeitamente a face de fenômeno sociocultural. Quando as pessoas fazem turismo, aumentam bastante seu grau de sociabilidade e se encontram em condições psicológicas favoráveis para fazer novos contatos sociais. A distância social entre povos diferentes se dilui e muitas vezes estereótipos e mitos criados pela mídia e por outros caem por terra, já que os tipos se apresentam como pessoas reais e concretas. Porém o turismo também sempre implicará em transformações no local visitado, por menores que sejam. (DIAS, 2005, p. 117-118).

Segundo Dias (2005, p. 125-126), o turismo provoca diversos fenômenos que são contraditórios. Por exemplo: se por um lado a atividade provoca um estímulo para a preservação e conservação da herança cultural (pois esta seria um atrativo turístico) de determinada localidade, por outro lado também pode provocar um excesso de comercialização da cultura local e, assim, levar à perda de

[5] Quantia em dinheiro que era fornecida às escolas de samba para auxiliar financeiramente na montagem de alegorias e fantasias.

autenticidade por parte daquela cultura. Esta afirmativa encontra sonoros ecos no universo do carnaval carioca. Segundo Albuquerque (2005, p. 14), o idioma oficial falado no Sambódromo do Rio de Janeiro já não é mais o “carioquês” e sim o “turistês”.

Porém o turismo pode ser muito importante para tentar solucionar a grande problemática que é descrita neste artigo. Já foi ventilada a possibilidade de se promover outro desfile das escolas de samba no ano, que seria no mês de julho. Os carnavalescos contra-atacaram com a argumentação de que diminuiria consideravelmente a qualidade do espetáculo, pelo tempo reduzido que se teria para prepará-lo.

A grande chave para se tentar resolver a questão está nos enormes dividendos que o turismo gera no período de carnaval. Poderia se usar parte desse montante para ser investido nas escolas de samba e suas comunidades, fazer com que estas tenham mais dinâmica no decorrer do ano. O fato de algumas quadras de escola de samba funcionarem como casas noturnas durante o ano não é suficiente para se manter uma comunidade toda em atividade. Poderiam ser implementadas visitas aos barracões e quadras das escolas de samba, para que se pudesse acompanhar de perto como é montado todo o espetáculo. Também poderiam ser promovidas mais viagens das escolas de samba e seus componentes para outros países (o que já existe, em pequena escala), dado o flagrante fascínio que estes elementos exercem sobre pessoas do mundo todo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seguir, trechos do samba de 1988 da G. R. E. S.[6] Estação Primeira de Mangueira:

O Negro samba
O negro joga capoeira
Ele é o Rei da Verde e Rosa da Mangueira

[6] Sigla inicial do nome das agremiações, que significa “Grêmio Recreativo Escola de Samba”.

[...]
Pergunte ao criador quem pintou esta aquarela
Livre do açoite da senzala
Preso na miséria da favela

(Hélio Turco, Jurandir e Alvinho)

O turismo e seus benefícios se encontram nas mãos de quem deveria ter mais mobilidade e boa-vontade para resolver os problemas supracitados. A acomodação das autoridades parece ser determinante para a configuração do quadro atual. É injusto exigir das vítimas desse descaso que lutem ainda mais pelos seus direitos, indo contra o sistema, haja vista que há um histórico e perverso problema por trás de toda a conjuntura apresentada neste artigo. A falta de instrução dessas pessoas e a alienação a que são subordinados são problemas que vêm de longa data. Se um dia os escravos negros estiveram condenados às senzalas e quilombos, hoje a maioria de seus descendentes vive em favelas e periferias. Na pirâmide sócio-racial brasileira, pouca coisa mudou. Exceto, é claro, durante o carnaval.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, A. C. D. M. S. **A passarela do samba como mídia publicitária: o caso do carnaval de 2005**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: http://www.academiadosamba.com.br/monografias/angelasalles.pdf. Acesso em: 09 abr. 2011.

ALCEU, CHOCOLATE, HELINHO 107, MAIS VELHO, NINO. **E o samba sambou...**. Rio de Janeiro: RCA, 1989. 1 disco sonoro.

ALVINHO, HÉLIO TURCO, JURANDIR. **Cem anos de liberdade, realidade ou ilusão**. Rio de Janeiro: RCA, 1988. 1 disco sonoro.

CAVALCANTI, M. L. V. de C. **Carnaval carioca**: **dos bastidores ao desfile**. Rio de Janeiro. FUNARTE; UFRJ, 1994.

COSTA, C. R. F.; ANDRADE, R. G. **Carnaval, samba e comunicação no Morro da Mangueira**. Belo Horizonte, 2003. Disponível em: http://www.academiadosamba.com.br/monografias/candida.pdf. Acesso em: 09 abr. 2011.

DIAS, R. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Atlas, 2005.

FARIAS, E. S. **Paulo da Portela: um herói civilizador**. Salvador, 2000. Disponível em: http://www.academiadosamba.com.br/monografias/edsonfarias.pdf. Acesso em: 05 abr. 2011

GOMES, F. **Tia Ciata**. 2007. Disponível em: http://www.brasileirinho.mus.br/artigos/tiaciata.htm. Acesso em: 05 abr. 2011.

MARINHO, S. P. **Samba, amor e tradição**. 2004. Disponível em: http://www.sambachoro.com.br/s-c/tribuna/samba-choro.0407/0333.html. Acesso em: 05 abr. 2011.

MELO,G. **Na vida, um mendigo... Na folia, um rei!.**Fortaleza, 2000. Disponível em: http://academiadosamba.com.br/monografias/gustavomelo.pdf. Acesso em: 5 abr. 2011.

NASCIMENTO, P. **O branco, o negro e o índio – No encontro a origem da nação**. 2007. Disponível em: http://www.tradicaodosamba.com.br/boletim%20do%20samba/carnavalizando/BS_carnavalizando_jun_1a.html. Acesso em: 05 abr. 2011.

PEGADO, I. A. S. **A evolução do Carnaval Carioca: A festa popular que virou produto. Belém**. 2005. Disponível em: http://academiadosamba.com.br/monografias/israelpegado.pdf. Acesso em: 5abr. 2011

PINTO, T. R. Negro, profissão lazer. **Rev. São Paulo em perspectiva**. São Paulo, 1988. Disponível em: http://www.bibliotecacidade.sp.gov.br/ produtos/spp/v02n02/v02n02_11.pdf. Acesso em: 31 jul. 2009.

TRAMONTE, C. Muito além do desfile carnavalesco: escolas de samba e turismo educativo no Brasil. **Pasos: Revista de Turismo Y Patrimônio Cultural**. v.1 n.1, p. 85-96. 2003. Disponível em: http://www.academiadosamba.com.br /monografias/cristianatramonte.pdf. Acesso em: 05 abr. 2011.

VELLOSO, M. P. As tias baianas tomam conta do pedaço: Espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. v. 3, n. 6, p. 207-228. Disponível em: http://academiadosamba.com.br/monografias/velloso.pdf. Acesso em: 5 abr. 2011.

VILA, M. **Pra tudo se acabar na quarta-feira**. Rio de Janeiro: Sony Music, 1993. 1 disco sonoro.